



## A PEQUENA ÁFRICA POR MEIO DO USO DO GOOGLE STREET VIEW

Lucas da Silva Santos  
DGEO-FFP-UERJ  
lucas.silva-santos@outlook.com

Jéssica Antero Melo Babo  
DGEO-FFP-UERJ  
[jessica.antero@hotmail.com](mailto:jessica.antero@hotmail.com)

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar a importância do estudo das rugosidades existentes na região denominada “Pequena África”, na cidade do Rio de Janeiro, a partir do uso da ferramenta Google Street View com estudantes do 9º ano do CIEP 041- Vital Brazil – Luiz Caçador- São Gonçalo/RJ. Por meio da metodologia de pesquisa qualitativa foi desenvolvida uma oficina com o percurso selecionado, que abrange parte da herança expressa nos lugares vivenciados por escravos africanos e seus descendentes, que vive em nós até hoje. Como resultado, procurou-se dinamizar o processo de ensino e oferecer aos estudantes uma melhor experiência no aprendizado para a compreensão do conhecimento científico e a leitura de seus saberes nas transformações da paisagem.

**Palavras-chave:** Educação Geográfica. Cidade. Paisagem. Geotecnologias.

**Eixo Temático:** GT2- Educação Geográfica, suas Linguagens e Representações espaciais.

### INTRODUÇÃO

Diante do atual cenário da educação pública, notam-se problemas no desenvolvimento do processo de ensino. A supressão de recursos nas escolas e o uso exclusivo do livro didático na construção das aulas geram desinteresses na participação dos estudantes e desmerecem os saberes dos mesmos. Nisto está o desafio do educador: promover diferentes metodologias de ensino que permitam aos estudantes reconhecer-se como parte integrante da realidade.



O estudo da cidade tem como proposta permitir aos estudantes a compreensão da espacialidade em sua dimensão multiescalar; elucidar problemas e auxiliar no entendimento dos distintos caminhos que a cidade pode seguir; permitir ao indivíduo, que é sujeito/agente, reconhecer-se como participante do processo de produção das espacialidades; e vincular ao processo de produção e reprodução do capital, isto é, parte da reflexão do ensino geográfico adotado que visa à formação de cidadãos com consciência espacial.

Uma das possibilidades de intervenção do processo de ensino é o uso das geotecnologias, sendo possível desenvolver atividades didáticas que promovam o raciocínio espacial dos estudantes, pois ferramentas como Google Earth, Google Maps, Google Street View e outros, por meio de uma ação didática mediada pelos professores, ajudam na leitura sobre as cidades onde vivem.

Portanto, o objetivo deste texto é apresentar a realização da atividade mediada em sala de aula, com a representação do circuito denominado “Pequena África”, por meio do uso da ferramenta Google Street View, trabalhada com estudantes de uma turma de 9º ano do CIEP 041– Vital Brazil – Luiz Caçador– São Gonçalo/RJ. Esta ação é parte do projeto de pesquisa financiado pela FAPERJ - “Leitura sobre as espacialidades das cidades e suas representações na sala de aula” -, compreendido no período de 2016 a 2018, o qual tem como concepção teórico-metodológica a pesquisa qualitativa no processo de apreensão das interpretações e representações construídas pelos sujeitos (estudantes das escolas e licenciandos) com seus espaços de vivência.

O texto está dividido em três momentos: no primeiro, apresentamos a cidade como importante conteúdo no ensino de geografia e como reflexão que possibilita ao estudante compreender o processo de produção espacial e local, bem como reconhecer-se como parte deste; por isso trazemos alternativas didáticas com o uso de geotecnologias. No segundo momento, apresentamos a



metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa; e por fim, a utilização do Google Street View enquanto um meio didático em sala de aula analisando a rugosidade da paisagem do circuito “Pequena África”.

### **A CIDADE E SUA IMPORTANCIA NO ENSINO DE GEOGRAFIA POR MEIO DO USO DAS GEOTECNOLOGIAS**

Estudar a cidade é importante para a construção do conhecimento geográfico, pois como uma obra, esta precisa ser compreendida a partir de seus referenciais, das suas relações e da sua produção, já que cada cidade tem uma história única, e se desenvolve de modo diferente uma da outra.

A cidade, em suas múltiplas relações sociais, econômicas, históricas e geográficas em constante transformação, exige uma compreensão contínua da organização e estruturação das novas dinâmicas do espaço. A cidade representa a obra da história construída por seus sujeitos, ou simplesmente, a ação da sociedade que vive, produz e reproduz esse espaço (LEFEBVRE, 2001).

Assim, conforme o autor, faz-se necessário compreender a maneira de se pensar o *direito à cidade*, na qual se renova e se transforma o modo de vida das pessoas de forma mais dinâmica, uma vez que se entende a importância do sujeito se desenvolver como produtor e consumidor desse espaço. De modo a pensar sobre o aspecto de representação e apropriação da leitura da cidade, trabalhou-se uma atividade através do uso do Google Street View, a partir do circuito chamado “Pequena África” (figura 1).

Este é parte do projeto de revitalização denominado Porto Maravilha Cultural, localizado na área portuária da cidade, em que há roteiros de recordação que relatam a história da última geração de escravizados africanos no Rio de Janeiro. Segundo Ribeiro (2014), esse resgate é feito de forma que reduz a Pequena África e espacialmente cristaliza a trajetória do negro naquele território, ou seja, uma diminuição do que teria sido a caminhada do negro no Brasil.

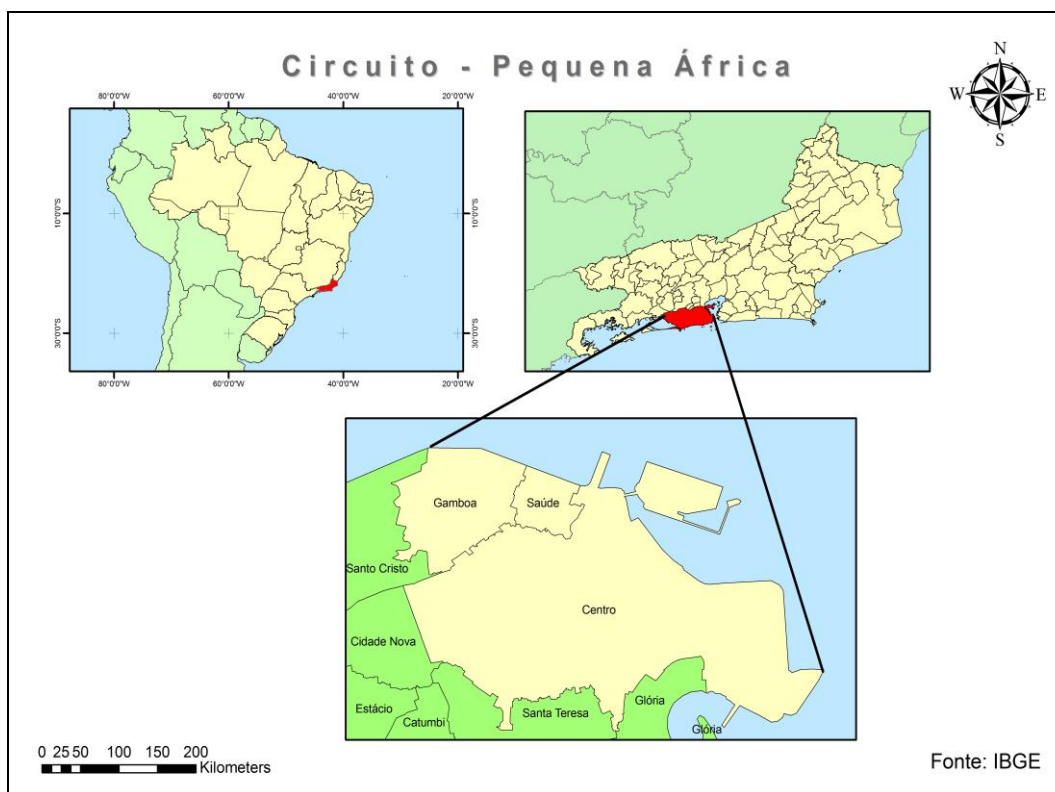


Figura 1: Localização do circuito da Pequena África  
Fonte: Caio Torres (2018)

Desse modo, a metodologia trabalhada foi pensada para explorar um pouco da herança expressa nos lugares vivenciados por esse povo, que vive em nós até hoje; bem como expor algumas trajetórias apagadas pelo processo de embranquecimento na cidade, mas ainda marcadas pelas suas rugosidades na paisagem.

O cotidiano é permeado por práticas espaciais, resultado de experiências materiais e imateriais, que vão além do palpável, do que é visto. Por isso, a produção acontece diariamente pelos indivíduos que nela produzem e são produzidas, ou seja, as relações sociais se materializam na cidade e dão a ela forma e conteúdo, (SACRAMENTO; MELLO; SANCHES; SILVA, 2016, p. 85).



Os conflitos e as ações cotidianas formam a estrutura social. Para que haja uma ampliação na visão espacial e na capacidade de percepção geográfica é necessário viver a cidade. Sua dinâmica permite perceber os diferentes espaços vividos, as desigualdades, e este olhar pode ser aguçado por meio de observações e questionamentos, (MORAIS; CAVALCANTI, 2011).

Assim, o uso de ferramentas geotecnológicas como Google Earth, Google Street View, Google Maps e GPS, por exemplo, é significativo no ensino da cidade, pois permite uma melhor articulação com os dilemas urbanos, e também porque aqueles são elaborados para visualização de mapas, imagens orbitais e reprodução de múltiplas paisagens em todo o globo terrestre, sendo capazes de reconhecer lugares, cidades, construções e paisagens, em multiescalas. (GUAYCURU; CRUZ; RICHTER; SEABRA, 2012).

A partir da leitura das imagens foi possível entender as transformações ocorridas na área do entorno da zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, pois marcado por um discurso de “revitalização”, pretendeu-se extinguir inúmeras narrativas da cultura afro-brasileira tradicionalmente estabelecida na zona portuária. Parte da cidade se reconstrói ao ser reorganizada de maneira inclusiva no projeto “Porto Maravilha”, pois estabelece o circuito da herança africana a qual procura resgatar a cultura afrodescendente em forma de turismo, dando um leve encolhimento na localidade denominada “Pequena África”, e conseqüentemente, há a estagnação da trajetória do negro na região.

Segundo Santos, J. (2005), o capitalismo coage as cidades a investirem na paisagem e em polos culturais, denominados *cidades-espetáculo*, visto que o potencial turístico compõe um compacto estimulante econômico. Sendo assim, empenhado na mercantilização da identidade e das práticas afro-brasileiras. Milton Santos (2003) discute a respeito da indagação da *intencionalidade*, indica como os objetos são marcados pela intencionalidade; logo, nem todos os elementos do resquício do povo africano na cidade terá alguma ênfase. Por isso, cabe aos professores trazerem esses vestígios históricos à tona.



Dessa maneira, pensar as geotecnologias como forma de articular outras metodologias pode contribuir para a construção do conhecimento do estudante e promover a criação e recriação dos conceitos e dos conteúdos sobre a cidade. Portanto, o aluno é conduzido a uma aprendizagem mediada a partir de atividades que produzam a assimilação e o equilíbrio de novos conceitos devido às formas de utilização das novas tecnologias aliadas à discussão sobre a cidade, constituindo uma leitura de mundo por meio da Educação Geográfica.

### **METODOLOGIA DA PESQUISA QUALITATIVA**

Os pesquisadores que fazem uso da abordagem qualitativa estão interessados no modo como os diferentes sujeitos dão sentido às suas vidas e estão comumente a questionar os sujeitos da investigação e como interpretam as suas experiências e o modo como estruturam o mundo social em que vivem (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

A pesquisa qualitativa tem como objetivo a qualidade e não é inferida por números, a ideia é compreender ou interpretar uma dada realidade do indivíduo. No nosso caso, buscamos entender as representações dos estudantes em um determinado grupo, realidade, e a partir disso, interpretar como é a percepção sobre um determinado lugar. A ideia é dinamizar a compreensão da realidade pelo indivíduo.

Maciel; Marinho (2011) esclarecem que o educador deve estar disposto a utilizar as novas técnicas e metodologias para elaborar as suas aulas, pois o mesmo se depara com um público cada vez mais exigente, à espera de mais conhecimento sobre o espaço geográfico e, conseqüentemente, da paisagem vivenciada pelos mesmos. Como elucidam os autores, caberá ao professor discutir em sala como se construiu o conceito de paisagem e como o mesmo deve ser empregado na atualidade.

A atividade fora desenvolvida na turma de 9º ano do ensino fundamental 2, no qual o currículo aponta para os conteúdos relacionados à África. Para



desenvolver nos estudantes a discussão sobre a cidade e as heranças culturais expressas na paisagem, mediou-se a discussão sobre a Pequena África já que é uma parte da cidade do Rio de Janeiro que se tornou turística, tendo elementos na sua dinâmica espacial que permitem estudar a materialidade dos escravos africanos no Brasil.

As etapas metodológicas desenvolvidas nesta atividade foram: análise bibliográfica dos temas da pesquisa; identificação e análise da importância da história e das rugosidades afro-brasileiras presentes na paisagem do circuito “Pequena África”, e realização da oficina sobre o tema com roteiro de atividades.

A atividade por meio do google street view se constituía de nove pontos, sendo eles: 1º ponto - Cais do Valongo e Doca André Rebouças; 2º Ponto - Mercado do Valongo, Antigo Armazém dos Escravos, Jardim Suspenso e Praça dos Estivadores (Antigo Largo do Depósito); 3º Ponto - Ladeira da Misericórdia, lugar de nascimento de Machado de Assis; 4º Ponto - Praça da Harmonia; 5º Ponto - Memorial dos Pretos Novos (Antigo Cemitério dos Pretos Novos); 6º Ponto - Centro Cultural José Bonifácio; 7º Ponto - Quilombo da Pedra do Sal e Largo João da Baiana; 8º Ponto - Largo da Prainha (Antigo Mercado de Escravos da Prainha) e Igreja de São Francisco da Prainha; 9º Ponto - Boulevard Olímpico.

### **O USO DO GOOGLE STREET VIEW PARA A AULA SOBRE CIDADE: SUA RUGOSIDADE E A PEQUENA ÁFRICA**

No mundo atual, onde as inovações tecnológicas trazem acesso rápido de informação e do estudo de diferentes escalas, o uso de mapas, imagens e outros, possibilita o desenvolvimento de metodologias de ensino na aprendizagem de conteúdos e conceitos geográficos.

Desdobrar a disciplina de modo que se disponha de sentido e finalidade é uma função de todos os professores de Geografia, por meio da realização



política do ensino e reflexão, necessitam raciocinar se sua prática está colaborando para a construção de um cidadão crítico, de acordo com Oliveira (2006, p. 20) : “Nós professores precisamos perceber que o papel da Geografia no processo de democratização da sociedade consiste, principalmente, em desenvolver uma prática não alienante, mas conscientizadora. E o ensino de Geografia pode servir para isso”. Sendo assim, gerar uma prática inovadora faz parte da realização do docente que está estreitamente associado à produção formativa.

Desde modo, utilizamos enquanto algo inovador o Google Street View. Como não foi possível ir ao local - uma forte chuva caiu no dia do trabalho de campo- a utilização do Google Street View colaborou para a realização da análise do espaço a ser estudado (descritos na metodologia). Nesta etapa, o objetivo foi analisar a importância histórica e geográfica para a compreensão da vida cotidiana da população africana no período entre os séculos XIX a XX na região da Pequena África, bem como refletir sobre a relevância da matriz afrodescendente do Rio de Janeiro e do Brasil.

O geógrafo Maurício de Almeida Abreu (1998), ao se debruçar sobre o estudo da memória das cidades, ressalta que seu resgate não pode se limitar apenas à recuperação das formas materiais herdadas do passado, daquilo que deixou marcas na paisagem, mas deve abarcar também informações oriundas das instituições de memória. Em contraponto, Assmann (1995) acredita na memória cultural que seria fundada por heranças simbólicas concretizadas em arquivos, ritos, monumentos- no nosso caso, o que mais dialoga conosco é esse último- capazes de ligar elementos associados ao passado.

Sendo assim, a oficina foi pensada de modo a trazer essas memórias (tanto da cidade quanto cultural) para analisar a racionalidade geográfica na leitura da rugosidade da cidade, a partir do circuito “Pequena África”. A elucidação dessas rugosidades por meio de novos mecanismos tecnológicos, como o Google Street View, contribuiu para a mediação da proposta da atividade.





A cidade é compreendida como o lugar no qual se realiza a rede em inúmeras escalas. Destarte, incorporar a cidade como um arranque oferece fundamentos no intuito de conceber análise da prática urbana onde os alunos convivem, e contextualizar as associações por meio do local e o global, possibilitando e facilitando o desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

Com base nas discussões estabelecidas para pensar o ensino da cidade e das heranças africanas, localizadas numa parte da cidade do Rio de Janeiro, o Google Street View faz com que o usuário seja capaz de visualizar a existência compreendida em esboço azimutal, do que existe neste espaço, de modo que seja possível peregrinar sobre ele, isto é, de maneira que estivéssemos frequentando aquela localidade, sendo que as imagens não são de tempo real.

Assim, com o propósito de discutir sobre as rugosidades da área estudada, a ferramenta permite analisar a paisagem a partir da leitura das imagens captadas, as quais expõem as permanências e mudanças deixadas pelo Projeto “Porto Maravilha”.

Vale ressaltar que a atividade desenvolvida para os estudantes se preocupa em abordar questões a respeito das transformações da paisagem da cidade mediante às perguntas referentes a alterações no período escravocrata relacionadas à temporalidade em vigência, ou seja, debatendo a organização espacial estabelecida pelos senhores, atravessadores aos escravos, os lugares onde chegavam, como eram “guardados”, vendidos; mas também os lugares de lazer, de religiosidade, de pertencimento, de moradia.

Por isso, o conceito de *rugosidade*, analisado a partir de Santos (2003), busca ratificar que ao longo da história as ações humanas e as sociedades vão imprimindo suas construções ao espaço geográfico, registrando assim, suas atividades, costumes, tecnologias, culturas. Desta maneira, se pensarmos na Pequena África, a presente região (berço da cultura negra) é parte da rugosidade da cidade do Rio de Janeiro, a qual mostra na paisagem a trajetória



do povo afrodescendente até o tempo atual, trazendo os diferentes significados espaciais dos lugares vivenciados pelos escravos e ex-escravos.

Logo, a tendência é a população originária não ser capaz de se sustentar e arcar com as despesas e, por isso, deslocar-se para localidades mais periféricas; como aconteceu com o Quilombo Pedra do Sal, no qual historicamente vivia o povo negro, que após o projeto “Porto Maravilha”, sofreu incessante pressão para se retirar. Assim, pelo alto custo de vida na região, inúmeros moradores saíram, como aconteceu com (morro do Livramento- entre o Morro da Conceição e da Providência- a qual faz parte do roteiro do circuito) do Rio de Janeiro se deu também da mesma maneira.

É importante ressaltar, por isso, sua relevância na recente temporalidade, em que a permeabilidade do capital em antigas áreas está dinamicamente a suprimir, acumular e superpor formas geográficas com outras funções diante dos novos conteúdos travados e incorporados pela sociedade (SANTOS, 2003). Isto é, a realidade da rugosidade está agarrada aos contornos passados e com aplicações- marcantes ou não- no presente, o que a faz necessária para o estudo da cidade no ensino de geografia.

Um exemplo é o Cais do Valongo e o da Imperatriz, região de entrada para 4 (quatro milhões de negros escravizados que chegaram entre 1879-1831, descolados nesta região porque, como o mercado estava no Centro do Rio, os cidadãos estariam vulneráveis às doenças trazidas pelos africanos, assim, tinham armazéns para deixar os escravos escondidos e guardados até serem vendidos. Assim, ao longo das escavações para as obras do Porto, procederam a descobrimentos relevantes que nos auxiliam a compreender de maneira mais profunda o período escravocrata e da pós-abolição no Rio de Janeiro, tornando-se um sítio arqueológico e compondo o Circuito Histórico e Arqueológico da Herança Africana na Zona Portuária do Rio de Janeiro.

Desta maneira, constata-se que a revitalização da zona portuária expôs um passado escondido de que a sociedade brasileira não tinha conhecimento,



o qual deixou uma marca na paisagem da cidade a respeito do resquício da trajetória do afro-brasileiro na época da escravidão.

Para tanto, buscou-se trazer inúmeras imagens da cidade no período escravocrata, com a proposta de mostrar as transformações da paisagem (por meio da racionalidade espacial, isto é, associar a temporalidade atual com a temporalidade mais antiga e visualizar suas modificações sem auxílio do docente); além de inúmeros exercícios com a finalidade de observar e dizer o que é remanescente no tempo vigente - em comparação ao tempo de análise e o que deixara de existir ao longo do processo de modernização da cidade.

## CONCLUSÕES

Desse modo, o projeto atua para a formação de um cidadão crítico, para que este possa participar ativamente da realidade do seu bairro, e por consequência, isso lhe permitirá analisar outros espaços, como destaca Santos (2003). É preciso fragmentar a análise dos espaços, para depois compreender em sua totalidade. Assim, buscamos ampliar literal e cognitivamente a visão espacial dos estudantes.

A atividade desenvolvida no projeto trouxe a cidade como tema central, pois a preocupação em articular o tema ao conceito de rugosidade permite que os estudantes reconheçam a interação (interação entre elementos físico-naturais e sociais) dos pretéritos- e suas modificações ao decorrer do tempo- com as presentes representações espaciais da zona portuária do Rio de Janeiro.

O conceito contribui em elementos para o entendimento de um dado espaço, nesse caso, o circuito “Pequena África”, na qual abordamos os interesses do Estado, capital e mercado a respeito dos movimentos- as áreas quilombolas remanescentes no centro da cidade, e uma breve história do povo africano no Brasil, do período escravocrata até a atualidade (assim como o processo de favelização) e de grupos sociais.



## REFERÊNCIAS

- ABREU, Mauricio de Almeida. Sobre a Memória das cidades. **Revista Território**, n. 4, pp. 77-97, 1998.
- ASSMANN, Jan. Collective Memory and Cultural Identity, **New German Critique**, No. 65, **Cultural History/Cultural Studies** (Spring - Summer, 1995), pp. 125-133. Published by: **New German Critique**.
- BOGDAN, Roberto C; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- CAVALCANTI, Lana de Souza; MORAIS, Eliana Marta Barbosa. A cidade, os sujeitos e suas práticas espaciais cotidianas. In: **A cidade e seus sujeitos**. Goiânia: Editora Vieira, 2011, pp.13-30.
- GUAYCURU, Vania Maria Salomon; CRUZ, Carla Bernadete Madureira; RICHTER, Monica; SEABRA, Vinicius da Silva. Potencial de Uso das Geotecnologias no Ensino Básico. In: CARDOSO, Cristiane; OLIVEIRA, Leandro Dias. (Org.). **Aprendendo Geografia: reflexões teóricas e experiências de ensino na UFRRJ**. 1ª ed. Seropédica: EDUR, 2012, v. 1, pp. 129-140.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- MACIEL, Ana Beatriz Câmara; MARINHO, Fábio Daniel Pereira. O estudo da paisagem e o ensino da Geografia: breves reflexões para docentes do ensino fundamental II. **Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais**, v. 2, p. 55-60, 2011.
- OLIVEIRA, Marlene Macário de. A Geografia Escolar: Reflexões sobre o Processo Didático Pedagógico do Ensino. **Revista Discente Expressões Geográficas**, Florianópolis, n. 02, p. 10-24, jun. 2006.
- RIBEIRO, Lisyanne Pereira **Os movimentos de resistência ao Projeto Porto “Maravilha”**: uma luta contra o processo de branqueamento do território na (da) Pequena África. In: VII Congresso Brasileiro de Geógrafos: AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos. **Anais...** 2014, s/p.
- SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; CAMPOS, Aline Mello; CARVALHO, Fabiana Sanchez; SILVA, Jupiara de Jesus. Educação Geográfica e o Estudo da Cidade e do Urbano em São Gonçalo - RJ: atividades de aprendizagem dos docentes e discentes. **Revista Tamoios (Online)**, v. 12, pp. 84-100, 2016.
- SANTOS, Julio César Ferreira. Políticas espaciais de requalificação urbana na área central do Rio de Janeiro: nova estética da desintegração local e espetáculo da projeção global. In: **Scripta Nova – Revista Electrónica de Geografia y Ciências Sociales**, volume IX, número 194 (43). Barcelona: Universidade de Barcelona, 2005, s/p.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2003.